

NARRATIVA HISTÓRICA E TERRITORIALIDADE EM AUDIOVISUAIS INDÍGENAS¹

Cacau Moraes (Cláudia Regina Moraes Menezes)², Luisa Tombini
Wittmann³, João Gabriel Santos Pinto⁴

1 Vinculado ao projeto “A revolta do olhar: concepções de história na narrativa audiovisual Guarani”

²Acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em História – FAED – Bolsista PIBIC- Af

³ Orientador(a), Departamento de História - FAED - luwittmann@gmail.com

⁴ Acadêmico(a) do Curso de Bacharelado em História - FAED

Esta comunicação destina-se a explorar questões relacionadas ao projeto de pesquisa coordenado pela Professora Doutora Luisa Tombini Wittmann, intitulado “A revolta do olhar: concepções de história na narrativa audiovisual Guarani”. A pesquisa, desenvolvida no AYA Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais da UDESC/FAED, tem como objetivo geral a análise de reflexões históricas indígenas em audiovisuais produzidos pelo povo guarani. Processo que se desdobra em trâmites distintos, tais como: examinar a maneira que se dá a articulação entre o discurso histórico e alguns conceitos fundamentais ao modo de ser Guarani (*Nhanderekó*); atentar às percepções guaranis acerca dos brancos e das relações contemporâneas entre si e os não-indígenas; refletir sobre as formas de linguagem escolhidas pelos guarani ao transmitir suas histórias através do audiovisual como arma para a luta pelos direitos indígenas, assim como contemplar os possíveis usos desse material fílmico a fim de colaborar na implementação da Lei 11.645/08. No decorrer do ano de vigência da bolsa de pesquisa PIBIC-AF, foram realizadas diversas etapas de trabalho, que visaram não apenas o cumprimento dos objetivos gerais do projeto, mas também a adesão a um cronograma de produções acadêmicas com foco em apresentações sobre a pesquisa em diferentes eventos acadêmicos, como o Seminário de Iniciação Científica, e publicações no Portal do AYA Laboratório. Publicações essas em sua maioria dedicadas a divulgar diferentes formatos de informação e conhecimento das causas e lutas indígenas no Portal, ao divulgar por exemplo a Declaração Urgente dos Povos Indígenas do Brasil, e o caderno da Semana dos Povos Indígenas 2024 intitulado “Emergência climática: povos indígenas chamam para a cura da Terra!”.

O início da minha atuação como bolsista ocorreu no final do cronograma do projeto, porém foi necessário realizar uma introdução ao tema antes de iniciar qualquer processo de análise, decupagem ou escrita. Portanto, o foco inicial concentrou-se no estudo bibliográfico relevante para a pesquisa, o qual foi realizado por meio da leitura e do fichamento de diversos textos com uma abordagem voltada à produção audiovisual indígena. Entre os acervos fílmicos significativos utilizados como fonte na pesquisa, destaca-se o Vídeo nas Aldeias (VNA), projeto nascido em 1986 que funciona atualmente como centro de formação em produção cinematográfica e como um centro de suporte para projetos realizados por cineastas indígenas. Isto é, não apenas são feitas oficinas objetivando ensinar os caminhos técnicos para a criação

audiovisual, incluindo manejo de câmera, enquadramento, etc. Mas também a construção de projetos por parte de cineastas guarani com o apoio e a colaboração do VNA, assim como de outras associações e lideranças indígenas. Após a leitura dos textos iniciais e contato com filmes do VNA, foi importante atentar para o que já havia sido produzido dentro do âmbito do AYA Laboratório, e que mantinha diálogo direto com as bases da pesquisa. Afinal, o laboratório trabalha na indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão.

Durante o segundo semestre de 2022, em Florianópolis - SC, realizou-se o 2º Encontro Internacional Pós-Colonial e Decolonial (2EPD). O evento ofereceu diversas Rodas de Conversa e Diálogos Contemporâneos, com a participação de convidados como Patrícia Ferreira e Alberto Alvares, ambos referência em produção audiovisual guarani. Além de contar com transmissão e tradução simultânea, o que possibilitou disponibilizar esses registros no canal do youtube do laboratório. A fim de contribuir para construção de um acervo a ser utilizado tanto em pesquisas, quanto em outros projetos do AYA, foi realizada a transcrição e a revisão das falas de Patrícia e Alberto. Em seguida era necessário realizar a análise dessas falas/transcrições, todavia antes desse processo iniciamos decidimos quais categorias eram as principais para a pesquisa em andamento. Dessa forma a equipe se reuniu e, a partir do antigo modelo (elaborado pela equipe anterior), construiu um novo modelo a ser utilizado, que conta com as seguintes categorias: História, Tempo, Memória, Ancestralidade, Território, Racismo, Educação, Visão sobre os brancos/não- indígenas, Comunidade/identidade coletiva, Gênero e Mundo da Imagem. Elaboramos também uma representação visual composta por uma cor correspondente a cada categoria, sendo categorias próximas em sentido, também próximas no círculo cromático. Dessa forma, ao acessar o arquivo do drive da pesquisa, se torna facilmente identificável quais são os assuntos abordados naquele documento (filme, fala ou texto), mesmo antes de fazer a leitura do mesmo. Após cumprida a etapa de transcrição das falas no 2 EPD, era o momento de se organizar antes de avançar para qualquer próximo passo. Portanto, durante os encontros do grupo de pesquisa, decidiu-se manter o foco na organização dos materiais, pastas e documentos produzidos ao longo do projeto. Para isso, foi elaborado e alimentado um documento de mapeamento de fontes, que inclui todos os documentos produzidos e armazenados na pasta do projeto “A Revolta do Olhar”. Com a finalização deste documento, logo foram finalizados os últimos fichamentos dos textos de apoio, além da visualização e da análise coletiva dos filmes selecionados pelo grupo, como *Mbya Mirim*, *Mbyarekombaraete* e *A Luz das Palavras*.

Na grande Florianópolis há dez comunidades indígenas Guarani, que são autônomas, possuem liderança própria e se organizam internamente através de famílias extensas. Desde 2014 essa região Guarani está passando por obras para construção do Contorno Rodoviário de Florianópolis, o que garante por lei um programa de compensação e mitigação dos impactos ambientais para essas populações. A realização de *Mbyarekombaraete* é uma dessas medidas, filme elaborado a partir de oficinas de audiovisual oferecidas para jovens guaranis, que filmaram e escolheram o tema com intenção de diminuir a ignorância dos brancos em relação a vida mbyá-guarani em Santa Catarina. Este filme fala sobre tempo, categoria fundamental para a pesquisa no campo da História. O tema sendo as fases da vida guarani, o que é ilustrado na fala durante a minutagem entre 10:28 -10:54, quando com vários guarani sentados, adultos e crianças, se diz que “Na comunidade Guarani existem esses três ciclos de vida, onde as crianças

elas são livres, são protegidas. Os adultos têm a responsabilidade dos afazeres para proteger as crianças e fortalecer os mais velhos e assim segue o ciclo do modo de vida Guarani”. Os anciões carregam a sabedoria e o conhecimento ancestral que passam adiante, fortalecendo as redes da aldeia e preservando suas relações sociais. Daniel Munduruku nos diz que “A tradição é passada pelo uso da Palavra. O “dono” dela é o ancião, o velho, o sábio. É ele quem tem o poder e o dever da transmissão... quem deve alimentar o espírito, são os mais velhos, os avôs, as avós” (2018, p. 183). Entre os minutos 09:29 - 10:46 do filme A Luz das Palavras, o cacique Hyral diz que atualmente se vive em meio aos não indígenas, e por isso é necessário que seus filhos aprendam sobre essa cultura, mas que não concorda com aqueles que se restringem a ela e se pergunta se é isso o que se quer para as futuras gerações. “Agora temos uma educação diferenciada, e ficou um pouco melhor. Hoje estamos seguindo os dois caminhos. Não é possível aprender apenas uma cultura. Não conseguiríamos conviver com os não indígenas, nossos filhos não saberiam se defender. ” Fala que remete ao que disse Denise Ferreira em “Homo Modernus”, quando a mesma fala que aqueles que Fanon chama de condenados da terra, sabem navegar no seu mundo, mas que também sabem se movimentar para além do véu, no mundo dos brancos, um por essência e o outro por necessidade (2022).

No guia didático para estudantes “Cineastas Indígenas para Jovens e Crianças”, é comentado sobre uma das cenas iniciais do filme Mbya Mirim, na qual os dois protagonistas mirins do curta, Palermo e Neneco, estão em frente à televisão cantando e dançando músicas em guarani: “aquilo parece tão estranho e ao mesmo tempo tão incrível, pois nos mostra que, mesmo sem escapar de influências como a tevê, os Mbya são fieis à sua língua, o que é um sinal de grande vitalidade cultural. É o que faz deles Mbya (p. 13, 2010)”. Esta é sem dúvidas uma das cenas que mais me chamou atenção ao assistir o filme, pois além de acontecer em um momento que acredito ser crucial, logo após a abertura do curta-metragem, ela carrega um tom descontraído com as crianças. Posteriormente a música continua tocando, mas a imagem passa a ser do lado de fora da casa, o que ambientaliza onde estava acontecendo a cena interna que se acabou de assistir, e conversa com a primeira cena do filme, onde a tela se ilumina mostrando a imagem de um terreno com algumas casas centralizadas no enquadramento, sendo o foco daquele take. Acredito que os takes iniciais de um filme dizem muito sobre o mesmo, é aquilo que os artistas escolheram para ser a imagem inicial de seu projeto, a primeira impressão, os primeiros sentimentos perante ao filme. Analisamos como este filme começa já nos ambientando no local onde se passa, uma aldeia, seguido já pela primeira aparição das crianças guaranis, as grandes protagonistas do curta. Entre estas duas cenas iniciais, existe outra que ocorre logo antes da abertura do filme entre os minutos 00:55 á 01:54, na qual uma anciã fumando um seu petynguá, senta-se em um banquinho e em seguida pega as frutas recém colhidas pelas crianças e sopra a fumaça do cachimbo sobre elas, depois começa fala: “estas frutas, antes que as crianças comam, nosso pai as lavar. Primeiras frutas da estação, é o pai que lavar. Agora todos podem comer. Já está purificado”. Logo após isso, o corte se escurece com a imagem das crianças comendo as frutinhas ali mesmo. Logo, como é nos mostrado as crianças comendo as frutas, com base no que a anciã contou, as frutas ali já estavam purificadas, e esse processo é mostrado para o telespectador de forma sutil, pois acredito que a purificação tenha sido feita através do petynguá. Nas notas de rodapé de seu texto intitulado Nhanhembo’é,

Melissa de Oliveira relata com base na fala de um interlocutor Guarani de M'Biguaçu que "o petyngúá é um instrumento de comunicação direta com o Nhanderu (nosso pai/deus)" (p. 79, 2005). Na sequência, quando Neneco, Palermo e o Câmera vão para a casa de um fazendeiro branco comprar sabão, há um momento crucial do filme no qual Palermo conta sobre o ataque de um fazendeiro contra os moradores da aldeia. Assim como no período da invasão do Brasil a população indígena sofria com os colonizadores portugueses e espanhóis, hoje ela sofre em peso com as ações dos fazendeiros que estão no entorno de suas terras (ARAÚJO, 2010). Quando se evidencia as demarcações de espaço ali impostas e suas consequências, impedindo e controlando os espaços que esse povo originário pode acessar, alterando e afetando o meio ambiente, a aldeia, sua alimentação e estilo de vida, as questões de território se tornam explícitas. No caminho até a casa eles brincam e dançam uma música do Michael Jackson, já na casa eles pedem sabão e enquanto a senhora vai buscar, eles implicam e insistem em filmar uma criança branca que se esconde por não querer aparecer nas gravações, mostrando também pro público uma forma da sua "Visão sobre os brancos/não- indígenas".

Dessa forma, o projeto "A Revolta do Olhar" sublinha a necessidade de uma maior atenção às vozes indígenas, incluindo espaços de debate acadêmico e cultural, evidenciando a potência que é o audiovisual guarani. E ao considerar os breves comentário aqui feitos sobre os filmes decupados e analisados pelo grupo que compõe este projeto de pesquisa, percebe-se nessas produções cinematográficas uma arma para contar a história e lutar por direitos, pois assim como Alberto Alvares comunicou no 2EPD "antes nós éramos caçado e hoje somos caçador da nossa própria história. Hoje a gente conta a nossa história através de filme, através de documento... o povo Guarani é um povo da oralidade, o povo de espiritualidade."

Palavras-chave: Cinema Guarani; História; Pesquisa;

Referências:

ARAÚJO, Ana Carvalho Ziller; Carelli, Rita; Carelli, Vincent. **Cineastas Indígenas para Jovens e Crianças - guia didático para estudantes do ensino fundamental** / Ana Carvalho Ziller de Araujo, Rita Carelli, Vincent Carelli. - Olinda, PE: Vídeo nas Aldeias, 2010.

ARAÚJO, Juliano José de. **Práticas fílmicas do projeto Vídeo nas Aldeias**. REVISTA PASSAGENS - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. V. 5. N. 2. P. 20-40, 2014.

CÔRREA, Mari. **"Conversa a cinco"**. In: Vídeo nas Aldeias. 2013. Disponível em <http://www.videonasaldeias.org.br/2009/biblioteca.php?c=15>

DE OLIVEIRA, Melissa Santana. **Nhanhembo'ê: infância, educação e religião entre os Guarani de M'Biguaçu, SC**. Cadernos de Campo (São Paulo-1991), v. 13, n. 13, p. 75-89, 2005.

MUNDURUKU, Daniel. As literaturas indígenas e as novas tecnologias da memória. In : DELGADO, Paulo Sérgio; JESUS, Naine Terena de (org.). **Povos indígenas no Brasil : perspectivas no fortalecimento de lutas e combate ao preconceito por meio do audiovisual.** Curitiba: Brasil Publishing, 2018, p. 177-189.

SILVA , Denise Ferreira da. Homo Modernus: Por uma ideia global de raça. [S. l.]: Cobogó, 2022. ISBN 6556910856.

TOMBINI WITTMANN, L. **Tempo e História na aethesis decolonial filmica Mbyá-Guarani.** História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 16, n. 41, p. 1–25, 2023. DOI: 10.15848/hh.v16i41.1998. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1998>.